

# CONFLITO E CONFLITUALIDADES

O nº 9 da 3ª série da *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* é subordinado ao tema *Conflito e conflitualidades*, formulado pela atual equipa da direção executiva da Revista. A escolha do tema teve como motivação principal a consciência de que é absolutamente crucial, no panorama atual das revistas científicas, insistir na dimensão de cruzamento de saberes, de transversalidade epistemológica da *Biblos*, a que se associa o seu perfil modelar de revista das Humanidades, revista humanista e revista da FLUC. Uma outra motivação fundamentou o teor do texto de “chamada de artigos”, integrado no volume 8: a atualidade e a pluralidade das vias de questionamento e explanação de argumentos que o tema implica, expressas, desde logo, no jogo dialético (semântico e gramatical) subjacente ao enunciado do título – *Conflito e conflitualidades*.

De facto, como se lê no texto de apresentação do domínio temático pelo qual se optou,

existem (...) várias aceções conceptuais do *conflito* determinadas pelo modo como é postulado em diversas disciplinas como a Filosofia, a Literatura, a Cultura, a Linguística, as Ciências da Informação, as Artes, a História, a Geografia, a Psicologia, a Ciência Política, a Antropologia, a Sociologia, o Direito. O conflito é, para alguns pensadores, o motor da própria história e a sua centralidade faz com que, outros, o transformem no próprio objeto das suas teorizações, no passado e no presente.

A receção plural e substancial que o tema suscitou aos autores que nos enviaram as suas propostas de trabalho (mais de 40) indica, com justeza, a oportunidade da enunciação do tema, demonstrando, simultaneamente, a validade das premissas epistemológicas de que parte. Por isso mesmo, o

volume apresenta uma coerência interna que afasta qualquer registo dispersivo, visível na estrutura dividida em quatro tópicos – *Teorias e conceitos; Linguagens, narrativas e conflito; Figuras do conflito; Conflitos, identidades e resistências* – que dialogam entre si e acentuam o cruzamento coerente das reflexões. A definição desses tópicos, ancorada na natureza dos problemas/temas desenvolvidos nos artigos selecionados, valida a perspetiva a partir da qual a equipa da direção executiva da *Biblos* entendeu definir a questão e ilustra o âmbito pluridimensional através do qual a Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra concebe as Humanidades. Assim, os artigos respondem, sob diversas modalidades de pensamento crítico, à argumentação construída para o lançamento da “chamada de artigos”:

Conflito e conflitualidades afiguram-se formas naturais de relações entre os seres, representam conceitos transversais a tudo ao que é humano, abrangendo, ora a dimensão de sujeito, ora a da vivência em sociedade, das mais restritas às mais complexas formas de organização.

O primeiro tópico – *Teorias e conceitos* – acolhe artigos que, de forma mais ou menos evidente, conceptualizam os termos “conflito” e “conflitualidade”, não deixando de os encarar como problematizações consequentes das diferentes matérias abordadas. Numa perspetiva mais ampla e partindo do *corpus* antigo, os dois primeiros artigos exibem a dimensão universal e iterativa da guerra como conflito e conflitualidade. De facto, se em *A Guerra de Troia. Paradigma de todos os conflitos e conflitualidades*, Maria de Fátima Silva avalia, a partir dessa narrativa central da *Iliada*, o paradigma da “guerra”, no contexto das suas causas, confrontos culturais, interesses pessoais e coletivos, em *A memória nos Commentarii Rerum Gestarum. Bellum Gallicum de Gaio Júlio César*, Paulo Sérgio Margarido Ferreira pretende definir o que entende César, no *Bellum Gallicum*, por *hominum memoria, patrum nostrorum memoria* e *nostra etiam memoria*, com base na moderna teoria sobre “memória cultural”, “memória coletiva” e “memória comunicativa”. Os artigos seguintes problematizam os mesmos conceitos, centralizando-os, agora, em realidades literárias, históricas, políticas diversas: João Carlos dos Santos Moreira analisa a progressiva diver-

gência dialógica e ideológica entre António José Saraiva e João Martins Pereira, concretizada na tensão latente entre uma intelectualidade “convertida” e outra “resistente”, nos termos de Razmig Keucheyan (*Luta de classes e internacionalismo em António José Saraiva e João Martins Pereira*); Katarzyna Pisarska reflete sobre a tensão entre duas epistemes ou visões do mundo de conteúdo utópico divergentes no romance *The Rev. Annabel Lee: a Tale of to-Morrow* (1898) de Robert Williams Buchanan, concentrando-se no conflito entre uma sociedade utópica secular futura, baseada nos princípios do positivismo comteano, do socialismo owenita e do darwinismo social, e um movimento revivalista cristão liderado por uma pregadora (*Utopia, Religion and Dissent in Robert Williams Buchanan's The Rev. Annabel Lee: A Tale of to-Morrow*); Rosário Neto Mariano fixa-se na escrita testemunhal de Primo Levi e Charlotte Delbo para perceber o impacto do Holocausto, do nacional-socialismo, do nazismo, do racismo, no modo como a narrativa se constrói entre ficção e História (*Dos conflitos étnico-sociais ao extermínio. Representações literárias do Holocausto no contexto da II Guerra Mundial*); João Emanuel Diogo parte do tema filosófico da “banalidade do mal” de Hannah Arendt, associado ao conflito da II Guerra Mundial, para demonstrar que, apesar de se tratar de um dos temas arendtianos que mais polémica gerou no tempo em que a filósofa viveu, mantém uma atualidade trágica na história humana e, em particular, na História contemporânea (*Assustadoramente normais. Sobre a banalidade do mal*); Sofia Cardetas Beato formula, por seu turno, a caracterização de uma convivência de longa data entre árabes e judeus na Arábia pré-islâmica, procurando identificar e compreender as primeiras expressões de tensão e conflito entre os dois grupos sociais e religiosos, fundamentalmente ancoradas na reação judaica ao profetismo que acompanhou a ascensão de Maomé a líder da “Umma” (*Maomé e os judeus da Arábia no século VII: a emergência do conflito*); Lior Zisman Zalis propõe-se, finalmente, compreender as intersecções entre religião e política nas rebeliões, revoltas e insurgências dos escravizados no Atlântico Negro do século XIX, ao mesmo tempo em que evidencia a relevância das cosmologias na mobilização e na transformação das diferentes formas de luta e resistência no denominado Sul Global (*Políticas encantadas e materialismos conspiratórios: pluralismo ontológico e ação política contra-colonial*).

O facto de a conceptualização diferentemente abordada no primeiro conjunto de artigos, integrar, no âmago das reflexões apresentadas, o pressuposto de que o paradigma teórico e filosófico subjacente ao conflito, equacionado nas diferentes argumentações, se pode refletir em linguagens (ou no domínio da linguagem) e em narrativas (ou na construção de narrativas), legitima a passagem do primeiro tópico – *Teorias e conceitos* – para o segundo – *Linguagens, narrativas e conflito*. Os textos que integram este núcleo de reflexão declinam-se em diferentes formas de escrita (romance, poesia, crónica literária) e em modelos teóricos e pragmáticos de linguagem, alargando-se expressivamente à Epigrafia. O objetivo central do artigo que abre o segundo momento deste volume da *Biblos – Conflict as a narrative tool in postcolonial writing – the case of Margaret Mascarenhas’ novel Skin* – é, assim, o de perspetivar o modo como o conflito faz progredir a narrativa e cria um discurso temático no romance *Skin* de Margaret Mascarenhas, não deixando os autores (Jeanette Camilla Barbosa Noronha e Anthony Gomes) de sublinhar a complexidade da literatura goesa na constituição de uma identidade sob a interação entre as forças coloniais e pós-coloniais. *Topografias da sobrevivência em poemas de guerra* (Dulce Melão) apresenta uma proposta de mapeamentos (ou topografias da sobrevivência) do espaço em poemas de guerra – poemas ucranianos traduzidos por poetas portugueses, nos primeiros meses do conflito da Ucrânia/Rússia –, articulando uma perspetiva experiencial do espaço e do lugar com a geocrítica. Já a escrita subjacente à crónica literária permite à autora de *Para além do vidro: diálogos com Janela indiscreta: crónicas da emergência*, de Isabel Cristina Mateus (Marta Marques) propor uma reflexão sobre o modo como esse género e, em particular, a antologia de Isabel Cristina Mateus veio documentar um tempo recente de conflito – o da pandemia –, marcado, tanto pelo medo, como pelas possibilidades de descoberta do interior/exterior. O diálogo com os artigos seguintes, associados às Ciências da Linguagem e à Epigrafia, não parece aleatório, na lógica semântica que enforma este segundo tópico. De facto, enquanto as autoras de *Prevenção e gestão de conflitos através de cortesia linguística. Desenvolvimento de recursos digitais para aprendentes do português como língua não materna* (Conceição Carapinha, Cristina Martins e Telma Duarte), discorrem sobre a forma como determinados atos expressivos, inerentemente

articulados com rituais sociais específicos de cada comunidade, são instrumentos ao serviço da cortesia linguística, desempenhando um papel crucial na regulação das relações interpessoais e, portanto, na prevenção de conflitos, Ana R. Luís avalia, em *Exploring divergent views on word structure: challenging the concept of the morpheme*, e no contexto da Gramática Gerativa, os conflitos teóricos que têm condicionado o debate sobre a estrutura da palavra, discutindo dois modelos teóricos distintos, um baseado no morfema (*morpheme-based*), outro baseado na palavra (*word-based*). Para encerrar o segundo tópico – *Linguagens, narrativas e conflito* –, José d’Encarnação parte da dimensão contemporânea da língua, enquanto elemento de tensão e de consenso, para a projetar, retrospectivamente, no espaço cronológico e geográfico da Lusitânia romana, cujos vestígios epigráficos parecem apontar substantivamente no sentido de uma latinização ativa e eminentemente pragmática dos povos nativos e das suas instituições (*A língua: assimilação e resistência. O caso da Lusitânia Romana*).

O dialogismo eclético que resulta da aproximação estrutural das linguagens da literatura, da linguística e da epigrafia, anuncia, de alguma forma, a possibilidade de, no terceiro tópico da edição, se considerar pertinente dar relevo à materialidade de certas Figuras do conflito, refletida em objetos e factos históricos. Nesta medida, Isabel Gomes de Almeida e Maria de Fátima Rosa procuram, em *Decifrar o caos nas narrativas de ordem. Tensões e negociações entre deuses e humanos no ‘Vaso de Uruk’ (c. 3000 a.C.)*, analisar as tensões e as negociações entre deuses e humanos no ‘Vaso de Uruk’ (c. 3000 a.C.), para, a partir de um objeto que se assume como uma narrativa de ordem, perscrutar signos do caos e do conflito. Numa lógica aproximada, Gonçalo Cruz, no artigo *A propósito de uma gravura de arma da Citânia de Briteiros (norte de Portugal). Iconografia guerreira no final da Idade do Ferro*, explora o potencial interpretativo de uma gravura de temática bélica recentemente identificada na chamada “Casa do Conselho” da Citânia de Briteiros, para, na sequência da sua contextualização espacial e iconográfica, adensar a problematização de um “ethos guerreiro”, no contexto social, cultural e ideológico de uma Idade do Ferro prestes a encontrar-se com o Império Romano. Uma outra figuração do conflito encontra-se explanada em *Ataque corsário neerlandês a Buarcos em 1629 – novos contributos*, na exata medida em que Inês Maria

Jordão Pinto e Marco Penajoia, ao investigarem uma fonte neerlandesa que dá conta de um episódio mal conhecido – o saque de Buarcos (Figueira da Foz) de 1629 – colocam a tónica, sob a perspetiva da história local, nas consequências, para o império português do período da Monarquia Dual, dos conflitos registados entre Espanha e a Holanda. O texto de Luís Farinha, *Fugir das Cadeias da PIDE. A fuga de Hermínio da Palma Inácio da prisão do Aljube*, encerra, pela evocação de uma figuração histórica, o terceiro tópico que estrutura o volume, evidenciando a pertinência da individualidade nos conflitos, pela evocação da luta que Hermínio da Palma Inácio levou a cabo contra a ditadura de Salazar, ao evadir-se, por duas vezes, das prisões da PIDE, e ao ser libertado de Caxias, quando se preparava para uma terceira fuga, aquando da Revolução de 25 de Abril de 1974.

As diferentes propostas de abordagem da ontologia do conflito e das conflitualidades evocadas até agora encontram, por conseguinte, o seu corolário lógico no último tópico delineado – *Conflito, identidades e resistências* –, na medida em que a expressão identitária autentifica a dimensão histórica, filosófica, social dos conceitos e os atualiza na sua radical contemporaneidade – guerras, pandemias, crises económicas, movimento dos migrantes. Os artigos que compõem este último momento analítico dão conta disso mesmo. Assim, em *Racismo e xenofobia contra imigrantes japoneses – o Poder Legislativo Brasileiro como instrumento de exclusão*, Daniel Florence Giesbrecht explana as perspetivas da classe política brasileira em relação à imigração japonesa nos primeiros anos da década de 1930, fornecendo exemplos específicos de como determinados membros do Poder Legislativo, influenciados por teorias de natureza racial e eugénica, desempenharam um papel na estigmatização de grupos específicos de indivíduos, qualificando-os de maneira negativa e, nessa medida, fomentando o racismo e a xenofobia. Por seu turno, Susana Pimenta e Fábio Fonseca Ribeiro revelam, sob o título *Migrantes e refugiados que dão à costa nas notícias. Um estudo a partir dos média ibero-americanos*, uma investigação centrada no tratamento noticioso que os principais jornais *online* de Portugal, Espanha, Brasil e Argentina, desenvolveram, em 2022, relativamente a migrantes e refugiados, refletindo sobre escrita jornalística, pontos de vista e argumentação, no contexto de um tema de/sobre conflito

e conflitualidades. O artigo seguinte, da autoria de Fátima Velez de Castro, prolonga, como se deduz do enunciado do título – *Identidade(s) e conflito(s) em territórios da espera. Riscos sociais na dimensão migratória de Samba (2014)* – a reflexão, sobre a atualidade migratória, agora inscrita na linguagem cinematográfica de *Samba*, filme de Eric Toledano e Olivier Nakache, obra que retrata plasticamente a dimensão da reterritorialização e da identidade, numa lógica de conflito omnipresente no(s) quotidiano(s) do protagonista, um jovem imigrante senegalês. Dando sequência a estas reflexões e integrando, agora, a problematização do tema do volume 9 da *Biblos* no registo da atualidade dos conflitos territoriais e catástrofes humanas, os dois últimos artigos da secção temática que encerram o quarto e último tópico concentram-se nos efeitos da recente pandemia COVID-19: Inês Branco avalia, em *Inter-group conflict and disintegration: the portuguese migrant community in Macao after the COVID-19 pandemic*, a operacionalidade dos conceitos de conflito intergruppal, integração e desintegração de comunidades (nomeadamente a portuguesa) em Macau, no contexto de controlo da pandemia COVID-19 e do objetivo polémico de zero casos; Paulo Fernando Pereira Fabião Simões aborda, no âmbito do mesmo motivo de conflito (a pandemia por Covid-19), a emergência de novos paradigmas sociais e consequente (re)criação de novos equilíbrios – o equilíbrio entre o lazer, o trabalho – e a afirmação de novos ambientes digitais, exprimindo-se esse desiderato no título que o autor formula, *As paisagens digitais da nova transformação social pós-COVID-19: crises e conflitos*.

Conclui-se, então, que, tendo em linha de conta os conteúdos brevemente descritos/apresentados e o modo como deles se inferem quatro tópicos fundamentalmente estruturantes do pensamento subjacente ao tema escolhido, a unidade deste volume reside na oportunidade, gerada pela própria ontologia dos conceitos de *conflito* e *conflitualidades*, de associar o carácter matricial da Guerra de Troia e das tensões anímicas que desencadeia entre os seus heróis, às narrativas do Holocausto, da crise migratória, da pandemia de 2019, estilhaços contemporâneos e irreversíveis dos fatores de humanidade da *Iliada*.

Nessa medida, e na medida em que a estruturação das reflexões aponta para o carácter cíclico, mas não fixo, porque frequentemente dialético, do tema deste volume, a entrevista que o integra – *Readings of Fascism – the role*

*of violence. Entrevista com o historiador Roger Griffin* –, conduzida por Sérgio Neto, representa, sob a ótica de um historiador, o espaço de abertura do *problema*, sintoma explícito da sua transversalidade humanista. O conteúdo da entrevista a Roger Griffin, considerado um dos maiores especialistas mundiais sobre os fascismos, tem como pilar argumentativo a teoria do autor, de grande impacto nos estudos comparativos, desde meados da década de 1990, sobre o fascismo como forma revolucionária de ultranacionalismo, impulsionado por um mito “palingenético”. Na entrevista, Griffin considera, contudo, que o conceito de palingenesis, enquanto definidor do fascismo como um híbrido de ultranacionalismo e racismo orgânico associado à ideia de renascimento, só continuará a ser útil se for usada de forma crítica, para que a teoria possa ser testada, refinada e aplicada a “supostas” espécies de fascismo, cada vez mais evidentes. De resto, o modo como o historiador perspectiva a violência presente nos movimentos de extrema-direita parece constituir uma síntese expressiva dos conteúdos inerentes aos quatro tópicos delineados para este volume 9 da *Biblos* e um argumento convincente para a legitimação do jogo semântico e plural formalizado no enunciado do título *Conflito e conflitualidades*:

O que há de especial na violência, [...] da extrema-direita, tanto secular (por exemplo, o neonazismo) como religiosa (por exemplo, islâmica), é o culto da violência: o pacifismo é geralmente visto pelos extremistas como uma atitude branda, decadente, enquanto a guerra e a produção de mártires que se sacrificam pela “causa” são normalizadas e o conflito é visto como inevitável e como uma forma de progresso da civilização. A celebração fascista da guerra, da revolução e – no caso de alguns fascismos (romeno, croata e alemão) – da eliminação física de seres humanos decadentes e disgénicos é consistente com o elemento patriarcal e psicótico de todas as ideologias e movimentos extremistas, que se convencem a si próprios de que a violência e o assassinio podem ser “purgantes”, “catárticos”, o prelúdio do renascimento de uma nova era<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Tradução nossa.

Após a síntese, e mantendo a estrutura habitual da *Biblos*, o volume apresenta, ainda, quatro *Recensões* que contemplam publicações das áreas da Literatura, Linguística e da História.

Por fim, esta edição encerra com o “convite à apresentação de artigos” para o nº 10, 3ª série, da *Biblos*, a ser publicado em 2024. Decidiu a direção executiva atual prolongar a transversalidade epistémica da Revista e a sua abertura a um confronto dialético entre o passado e o presente das Humanidades e do Humano, propondo, para o próximo volume, o tema *Mediações*. Sendo o processo das *Mediações* profundamente humano, marcando as sociedades atuais (como marcou, sob outros formatos, as sociedades do passado), o tema abre-se, pela sua complexidade e campos de reflexão teórica e crítica que movimenta, aos domínios do político, do social, do económico, do cultural, do religioso, do artístico, do técnico e tecnológico. Nessa medida, e tal como se torna evidente no presente número, o tema da próxima edição da *Biblos* pretende dar continuidade ao compromisso científico da atual direção executiva com a singularidade essencial da Revista de uma Escola de Letras e Humanidades, nos anos 20 do século XXI.

*Marta Teixeira Anacleto*  
*Coordenadora da Direção Executiva*

[https://doi.org/10.14195/0870-4112\\_3-9\\_0](https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-9_0)

